

LEVANTAMENTO HISTÓRICO DO IMPACTO DOS ESTUDOS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA. Taihnee Stein Bernardes, Carlos José Martins - Inter – áreas – Educação Física – Departamento de Educação Física – Instituto de Biociências – Campus de Rio Claro.

A “primeira onda” do feminismo ocorreu na virada do século XIX para o século XX com a luta pelo direito ao voto das mulheres, onde, até então, apenas os homens tinham acesso a esse direito. Dentro deste movimento também existiam reivindicações ligadas à organização da família, oportunidades de estudos, acesso a determinadas profissões e exercício de direitos políticos mais amplos. Contudo, este movimento se ateve principalmente ao seu caráter militante, em que pese sua inestimável importância, sem maiores preocupações teóricas.

O ano de 1968 surge como marco de contestações em diversos países. Na França, Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra, há algum tempo, protestos vinham sendo feitos, “intelectuais, estudantes, negros, mulheres jovens, de alguma forma expressavam sua inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, às grandes teorias universais, ao vazio formalismo acadêmico, às discriminações, à segregação e ao silenciamento. 1968 deve ser compreendido, no entanto, como uma referência a um processo maior, que vinha se constituindo e que continuaria se desdobrando em movimentos específicos e eventuais solidariedades”.

Dentro do contexto do final desta década, junto às suas diversas manifestações surge a “segunda onda do feminismo”. Neste momento esta nova vaga do feminismo passa a se constituir também em torno de debates com a preocupação com teorias que embasassem essa luta, começam a surgir os conceitos do que virá a chamar estudos de gênero (LOURO, 1997).

Dessa forma, estas teóricas buscaram transformar a visão de que a mulher devesse se restringir ao domínio do espaço privado, à vida doméstica que vinha sendo intimamente ligada ao “real” espaço da mulher.

A partir de então, no contexto dessas discussões, foi criado um embate em torno dos conceitos desses estudos. Algumas pessoas acreditavam ser estudos da mulher. Onde era exclusivamente consideradas a história da mulher e suas implicações. Foram sendo formulados novos conceitos, dentre eles o de gênero enquanto uma categoria relacional, onde não é possível estudar a mulher sem considerar o homem, que são seres que interagem e se influenciam.

No Brasil, esse conceito de gênero passa a ser estudado a partir da década de 80.

Joan Scott divide em três as principais abordagens teóricas que passaram a analisar o termo “gênero”. Uma, extremamente feminista, que procura explicar as diferenças baseadas no patriarcado. Outra, fundamentada dentro das explicações marxistas e, por fim, uma seguinte dividida em pós - estruturalismo francês e teorias anglo-americanas de relação do objeto, que procura explicar a produção e reprodução das identidades de gênero.

As teóricas do patriarcado procuram as explicações para a subordinação da mulher na necessidade dos homens em dominar as mulheres. Algumas feministas vêem como fator principal da dominação masculina a função reprodutiva. Para outras, a causa principal de tal dominação é o seu papel sexual submisso. Catherine MacKinnon faz uma analogia: “A sexualidade está para o feminismo assim como o trabalho está para marxismo: é aquilo que mais nos pertence e o que, todavia é mais subtraído” (Scott, 1995, p.77). Ela sugere para a análise feminista grupos de consciência, onde expressando suas experiências de objetificação, as mulheres seriam levadas a compreender sua identidade comum e seriam conduzidas à ação política. As teóricas do patriarcado enxergam a desigualdade dessa relação nas desigualdades entre os sexos, tomados enquanto conjuntos uniformes, sem considerar as diferenças e singularidades entre os seres.

Scott apesar de considerar importantes os avanços que esta teoria proporcionou levanta algumas considerações, primeiro é que mesmo propondo uma análise interna do próprio sistema de gênero, elas afirmam a primazia deste sistema na organização social, mas não relacionam estas relações de gênero com outras desigualdades. Segundo, elas baseiam as desigualdades nas diferenças físicas, tanto na dominação

através da reprodução, quanto na objetificação sexual das mulheres pelos homens. Quando a diferença física é posta como uma das causas dos problemas, acaba tendo um caráter imutável, e dessa forma em todos os lugares, sendo um problema porque pressupõe um significado permanente e intrínseco do corpo humano, não sendo possível haver uma construção sócio – cultural, colocando o gênero como a – histórico.

Na abordagem marxista, as feministas que estudam esta teoria possuem uma influencia histórica muito maior, por esta ser uma teoria baseada na história. Nesta, elas levam em conta a influência do sistema capitalista e o interage com o patriarcado, porém, acaba tornando prioritária a causalidade econômica, e coloca como se o patriarcado fosse mudando de acordo com as relações econômicas. No início as feministas marxistas debatiam os mesmo problemas vindos anteriormente, colocando como causal a questão do gênero e do capitalismo, como se o capitalismo causasse a relação de dominação/submissão do homem e da mulher. Esta abordagem, segundo Scott, enfrenta um problema inverso ao da teoria do patriarcado, nela o conceito de gênero não possui um caráter analítico, independente e próprio, ele é tratado como sub produto de estruturas econômicas cambiantes.

Na terceira abordagem que Scott descreve, ainda que subdividida em diferentes escolas têm como foco principal os processos pelos quais as identidades dos sujeitos são construídas. A teoria das relações de objeto destaca o papel das experiências concretas na formação das identidades de gênero. Enquanto as pós-estruturalistas ressaltam o papel das linguagens na comunicação, na interpretação e na representação do gênero. Linguagem neste caso significa sistemas de significação e não exclusivamente palavras, domínio da fala, leitura e escrita.

Sabemos o quanto a Educação Física e as práticas corporais estão ligadas ao corpo, à sexualidade e a formação das identidades de gênero. Existem atualmente trabalhos que buscam levantar como a Educação Física tem influenciado nessas formações, e como ela está intervindo nesse sentido. O objetivo do presente trabalho, ainda em andamento, é levantar como esses estudos de gênero que vem desde meados do século passado estão influenciando os estudos dentro da área da Educação Física.

Para a realização deste trabalho está sendo feita uma pesquisa bibliográfica, como primeira fonte de análise sobre o tema. Tais fontes serão objeto de levantamento e posterior reflexão no sentido de produzir instrumental analítico para o diagnóstico da constituição do campo de estudos em questão.

Está sendo feito um mapeamento delimitado a respeito de como vem sendo estruturados os estudos e as publicações sobre gênero na área da Educação Física. Para isso estão sendo consultadas as seguintes revistas: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Movimento, Revista Motrivivência, Revista Motus Corporis e Revista Motriz.

Este trabalho está buscando circunscrever como os estudos de gênero no campo da Educação Física se posicionam no contexto destas principais abordagens, e quais os objetos de estudos mais relevantes nesta área.

Referências Bibliográficas:

ALTMANN, H. Marias (E) Homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 24; n. 2; p. 157-173; Jul./Dez. 1999.

ALTMANN, H. Exclusão nos esportes sob um enfoque de gênero. **Motus Corporis**. Rio de Janeiro, v. 9; n. 1; p. 9-20; Maio, 2002.

LOURO, G. L. Gênero, história e educação. **Revista Educação & Realidade**, v. 20; n. 2; p. 101-132; Jul/ Dez., 1995 UFRGS.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Texto reproduzido na **Revista Educação & Realidade**, v. 20; n. 2; p. 71-99; Jul/ Dez., 1995 UFRGS.

